



O Rio de Janeiro Quer Ser uma Cidade Melhor - IV CIRMARE

Informações da Matéria

Histórico:

Recebimento: Janeiro 2016

Revisão: Janeiro 2016

Aprovação: Janeiro 2016

Resumo:

IV Congresso Internacional na Recuperação, Manutenção e Restauração de Edifícios reúne time de especialistas e soluções para as obras na 'Cidade Maravilhosa'.

Palavras-chave:

Congresso

Recuperação

Manutenção

1. Introdução

IV Congresso Internacional na Recuperação, Manutenção e Restauração de Edifícios (CIRMARE), realizado de 8 a 11 de setembro, no Centro de Tecnologia (CT) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Ilha do Fundão, trouxe à luz a excelência da reflexão sobre a forma de se produzir o espaço e o futuro do Rio, em termos de mobilidade e recuperação dos prédios históricos. O tema do evento 'Repensando as Cidades' atraiu centenas de pessoas.



Figura 1 – Mesa de abertura do evento, com a participação de Roberto Leher, Reitor da UFRJ

A iniciativa foi do Núcleo de Pesquisas em Planejamento e Gestão (NPPG) da Escola

Politécnica da UFRJ, que este ano incorporou a X Semana de Engenharia Civil, apoiando o evento e reunindo assim um time expressivo de profissionais, em cenário contemporâneo de amplo debate que permitiu aos alunos da Poli/UFRJ, como também aos mais de 700 participantes, novas perspectivas e atualização das práticas nas áreas de recuperação e restauração em obras civis.

Na opinião do Reitor da Universidade, Roberto Leher, a vida urbana requer uma forma muito específica de reflexão sobre os espaços, demandando maneiras diferenciadas de produzi-los, como também na recuperação dos prédios históricos, de modo que a nossa história possa estar sempre presente no cotidiano.

A mesa de abertura contou com as presenças do professor e coordenador do IV CIRMARE, Eduardo Qualharini; do Reitor Roberto Leher; do Decano Fernando Ribeiro; do diretor da Escola Politécnica, João Carlos Basílio; do chefe da Coordenadoria Geral de Projetos da Prefeitura do Rio de Janeiro, Carlos Dantas; do vice-presidente do Conselho Regional de Engenharia (CREA-RJ), Rogério Salomão Musse; do

coordenador geral da X Semana de Engenharia Civil, Luciano Castro; e da coordenadora de programação da Semana, Izabela Nascimento.

2. As cidades devem ser reconhecidas pelo constante estado de mudança

A primeira palestra no CIRMARE, realizada pelo professor doutor Eduardo Qualharini, destacou que as cidades devem ser reconhecidas pelo seu constante estado de mudança, com a aceitação do que já existe e com modelos de intervenção para as ações de se 'repensar as cidades', fazendo alusão ao fio condutor do evento.

O prof. Qualharini, que é do Departamento de Construção Civil da UFRJ, defende a ideia de que é necessário que se analise como a cidade evolui e muda, e como os engenheiros podem interferir nesse contexto. Na oportunidade, o professor traçou um breve histórico da urbanização do Rio de Janeiro, desde 1950 até os dias atuais.

– Naquela época predominava a população rural. Hoje os problemas da urbanização já são bem claros e existem soluções para tornar a cidade mais humanizada, viável e inclusiva. Segundo o IBGE, até 2050, 93% da população brasileira será urbana e isso traz o crescimento das áreas edificadas, com o envelhecimento das construções –, disse o palestrante.

Sobre o envelhecimento das edificações, Eduardo Qualharini informa que é preciso que exista a conciliação na renovação urbana com as salvaguardas ao patrimônio edificado. Ele citou como exemplo a cidade de Cantalejo, na Espanha, em que vilas inteiras estão sendo vendidas a preços muito baixos, o que ele atribui ao fato de ter havido demora na renovação daquelas construções, a ponto de elas se tornarem caras para uma revitalização, o que também poderá ocorrer no Rio de Janeiro.

3. O custo social das revitalizações

O custo social de determinadas revitalizações foi outro ponto abordado pelo coordenador do evento. Ele explicou que no Rio de Janeiro, em 1906, grande parte da cidade sofreu um processo de revitalização, no qual largos logradouros foram edificados, como a Avenida Presidente Vargas. No entanto, isso

acarretou a favelização de urbana e social. “As reformas precedem as reabilitações e podem ser importantes para evitarmos uma mudança tão grande no futuro”, afirmou Qualharini.

Outro ponto socioespacial destacado pelo professor foi o cuidado com as demolições, pois muito entulho já foi descartado de forma equivocada, quando não havia tanta preocupação com o descarte de resíduos. “Atualmente é raro que esse descarte seja feito desordenadamente, mas existem muitas edificações que foram feitas com entulho embaixo delas”, alertou.

Como solução para a preservação do patrimônio físico, inclusive das construções históricas, três etapas foram apresentadas durante a palestra do professor: autovistoria nas edificações, manutenção periódica nas edificações e a existência de um planejamento estratégico, como forma de conciliar os interesses de preservação do patrimônio físico.

Por fim, Eduardo Qualharini destacou o caráter mutante das cidades e o fato de o Rio de Janeiro não querer se comparar com outras cidades, como Londres ou Paris, e de querer ser uma cidade melhor dentro de suas possibilidades, podendo até servir de referência.

4. Professor da Universidade da Beira Interior de Portugal ensina etapas de reabilitação

O palestrante, professor João Carlos Gonçalves Lanzinha, da Universidade da Beira Interior (UBI), de Portugal, abordou os cuidados necessários nas etapas de reabilitação de edifícios.

Figura 2 – Palestrante João Carlos Lanzinha, da Universidade da Beira Interior



Segundo ele, é fundamental que o engenheiro que trabalha em qualquer uma das etapas de inspeção, diagnóstico ou intervenção seja capaz de conhecer a fundo as técnicas mais antigas, por estar lidando com uma construção feita em outra época. “Ao mesmo tempo, é necessário se atualizar e conhecer as técnicas atualizadas para aplicar medidas mais sofisticadas na reabilitação”, ensina o professor da Beira Interior.

De acordo com João Lanzinha, assim como na medicina, a engenharia lida com as chamadas “doenças” nas construções. Ele ressalta que algumas delas podem ser identificadas só pelos sintomas e outras têm sintomas variados e necessitam de ‘exames’. “Nesse processo, além de uma descrição avaliada, é preciso obter a evolução provável do estado de degradação. Para esses diagnósticos, é necessário que os técnicos sejam especializados, habilitados e com conhecimentos adequados, que incluem conhecer o comportamento dos materiais ao longo do tempo”, diz o engenheiro Lanzinha.

5. Pensar na reabilitação do presente e para o futuro

No processo de reabilitação, o professor explica que há possibilidades de adaptação, garantia de reversibilidade e o mínimo de intrusão. “Assim como um edifício está necessitando de uma reabilitação no presente, é possível que precise também no futuro e, hoje em dia, os profissionais já atuam pensando nisso”, complementa. A reabilitação à qual Lanzinha faz referência visa manter o máximo possível da estrutura inicial das edificações e inviabiliza o uso de máquinas de potência elevada, que podem danificar pela trepidação ou peso.

A palestra do professor Lanzinha abordou, ainda, o conceito de como as edificações interferem na forma de pensar em como restaurá-las. “A priori, o único objetivo das construções era de ser um abrigo. Conforme a civilização se desenvolveu, surgiu a necessidade por áreas mínimas, seguidas por um acabamento de qualidade. Hoje existe, ainda, a demanda pelo bem-estar ao se construir”, informa.

Outra mudança é a flexibilidade de usos – prédios que incluem área comercial, residencial e

de lazer, por exemplo –, novos conceitos de família, trabalho e da indústria imobiliária.

Figura 3 – Prof. Vasco Peixoto de Freitas, da Universidade do Porto



O professor defende o uso de um manual de utilização para os ocupantes dos imóveis, assim como existe manual de carro ou de eletrodomésticos, pois saber usar e ocupar interferirá na qualidade da vida útil das construções.

6. Intervenção em ruínas desafia plateia na reconstrução do Cristo Redentor durante CIRMARE

A professora Rosina Trevisan, da Faculdade de Arquitetura da UFRJ, palestrou sobre o tema Intervenção em ruínas: Uma forma de prevenção do patrimônio, no CIRMARE. Após apresentar diversos exemplos de reconstrução em ruínas e teorias sobre a reconstrução, a professora lançou uma polêmica: o que seria feito caso o Cristo Redentor caísse, como aconteceu no filme “2012”?

A pergunta da professora suscitou novos pensamentos, reconstruções de ideias de como um engenheiro deve analisar e, de fato, “repensar as cidades”.

Figura 4 – Palestra da Profª Rosina Trevisan; o evento contou, durante três dias, com mais de 700 participantes



7. Ruína pode ser um ponto de partida para nova arquitetura

A professora defendeu a ideia de que a ruína pode ser o ponto de partida para uma nova arquitetura. Ela acredita também que alguns tipos de materiais e estilos podem gerar integração da construção com o ambiente e que, em alguns casos, o vidro funciona dessa forma. “No entanto, por vezes, o efeito é contrário e o prédio afeta a visibilidade, como é o caso do prédio Mourisco, em Botafogo, no Rio de Janeiro”, diz a arquiteta Rosina.

Como exemplo positivo da restauração e recurso para preservar o patrimônio, a professora citou o arquiteto Paulo da Costa, que usou a ruína de uma capela em Recife para fazer uma igreja, onde foi preciso fazer alterações, mas toda a estrutura das paredes foi mantida.

8. Reconstruir para rematerializar

Outra consideração do evento foi o fato da superação da ideia de “morte” de um monumento como reconstrução, ocorrendo a sua rematerialização, como instrumento de recuperação da memória do monumento e reintegração do valor do bem à sociedade. “Reconstruir pode ser uma forma de preservar, para que a validade da obra refeita dependa menos dos juízos morais e mais de questões pragmáticas enfrentadas através de projeto”, finalizou Rosina Trevisan.

No final da palestra, a professora exibiu a cena do filme “2012”, dirigido por Roland Emmerich, onde o Cristo Redentor caiu. Diante da possibilidade dessa situação, o que se faria se o Cristo Redentor caísse? Ela contou que a estátua é feita de pedra sabão, um material que não costuma mais ser utilizado. Manter-se-ia o material ou seria usado algo mais moderno? E em relação ao estilo arquitetônico, fariam algo mais atual ou manteriam o original? A professora disse que não tem a resposta, mas que gostaria que os participantes pudessem refletir sobre a situação e se despediu deixando essa polêmica no ar.

9. Soluções na Igreja de São Francisco da Prainha

Outro palestrante ilustre do IV CIRMARE foi o engenheiro Walter Vilhena Valio, que apresentou a restauração da Igreja de São Francisco da Prainha, localizada no Morro da Conceição, na Zona Portuária. Construída há mais de 300 anos e uma das principais relíquias de arquitetura barroca do Rio de Janeiro, estava fechada há uma década, devido a problemas de conservação.

O engenheiro apresentou fotos de antes e depois de diversas estruturas da igreja. Enquanto mostrava as imagens, explicava os procedimentos feitos, assim como as eventuais dificuldades e soluções buscadas.

10. Estrutura impediu tombamento de ruína

Dentre as preocupações que influenciaram na desativação do local, estava o risco de o teto ruir. Durante o processo de restauração, aferiu-se que a deformação era estável. Ainda assim, não impediria a possibilidade de cair. Foi necessária uma estrutura para impedir que algum pedaço de teto ou parede tombasse.

Por se tratar de uma obra que pretendia deixar o monumento igual ou muito semelhante à versão original, algumas etapas precisaram ser mais lentas e minuciosas do que obras sem essa preocupação. Por exemplo, procurou-se manter as pedras originais do teto. A alvenaria original foi tirada, utilizando-se uma ferramenta pequena para auxiliar a separar cada pedra da argamassa. Em seguida, as pedras foram reutilizadas juntamente com uma argamassa nova. Também

se buscou respeitar as particularidades do telhado e seus detalhes.

A única alteração foi retirar um acréscimo à torre sineira. Ao fazer a pesquisa, foi visto que aquele pedaço existia com o único objetivo de auxiliar o sacristão a bater o sino, por meio de uma escadinha estreita. Por concluírem que, além de não apresentar utilidade, o acréscimo não estava valorizando a torre, optaram por retirá-lo.

11. A história da engenharia no Brasil no século XIX

A última palestra do CIRMARE abordou o tema *O papel dos engenheiros politécnicos na modernização da construção civil brasileira do século XIX*, com o professor Nelson Pôrto Ribeiro, da Universidade Federal do Espírito Santo.

O papel dos engenheiros no século XIX, de atuar nas gestões técnicas da modernização dos portos e nas construções de estradas de ferro, foi demonstrado por ilustrações, com ênfase nas construções Viaduto da Grota Funda, Estação da Luz, Cais da Alfandega, de André Rebouças, dentre outras.

Na ocasião, foi demonstrada a cronologia da engenharia no Brasil ligada à engenharia militar e à mudança da Escola Central para a Escola Politécnica, que formou diversos engenheiros civis, como Aarão Reis, que também era pedagogo, urbanista, técnico, e que foi nomeado para fazer o levantamento do local apropriado para a construção da nova capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, incluindo todo o planejamento, arquitetura e construção, em 1853.

12. Conhecimento aliado à tecnologia para a prática correta de reabilitação

Para finalizar, o professor Lanzinha disse que o grande segredo para a prática correta de uma reabilitação está em saber complementar o conhecimento com a metodologia. “Inspeção rigorosa, diagnóstico correto e intervenção adequada, juntos, levam à revitalização correta”. E informa:

– O BIM (Building Information Modeling), que significa Modelagem da Informação da Construção, tem sido cada vez mais utilizado em apoio à reabilitação e é um conjunto de

informações geradas e mantidas durante todo o ciclo de vida de um edifício, incluindo os processos construtivos e fases de instalação. Esse método permite a colaboração multidisciplinar, compatibilização, avaliação contínua e melhoria da qualidade e desempenho do edifício –, finalizou o professor.

13. Universidade do Porto defende inovação

O ensino e a prática da reabilitação de edifícios compuseram o tema da palestra ministrada pelo professor catedrático Vasco Peixoto de Freitas, da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, em Portugal. Ele abordou a importância da reabilitação, ressaltando a capacidade de não desperdiçar, mas sim inovar. Vasco credita aos engenheiros a função de avaliar o que não está funcionando e buscar soluções técnicas, levando em conta durabilidade e manutenção dos materiais.

Durante a palestra foram citados exemplos como o encerramento do claustro de um museu de Portugal e o de reabilitação de um edifício de habitação. O professor mostrou, tecnicamente, como foram resolvidos os problemas encontrados e como um engenheiro precisa ter um olhar diferenciado para alcançar soluções. “O fascínio da reabilitação está na diversidade e no bom senso, o que é imprescindível para a sustentabilidade”, finalizou o professor da Universidade do Porto.

14. Trajetória nos modelos de intervenção em obras de reabilitação urbana em Portugal

A arquiteta Ana Cláudia da Costa Pinho, professora da Universidade Católica de Portugal e consultora das Câmaras Municipais de Lisboa e de Viseu, apresentou no IV CIRMARE uma completa trajetória nos modelos de intervenção, desde a metade do século XX até a atualidade, possibilitando o aprendizado das políticas e práticas de reabilitação urbana em Portugal: novos desafios e experiências emergentes.

De acordo com o estudo apresentado, ‘Arranjo e Salubridade da Zona do Barredo, de 1949’, no passado havia a preocupação com a demolição progressiva do casario velho e já insalubre, que deveria começar pelas habitações

de menor valor e pelas que apresentavam piores condições habitacionais.

Ainda em meados do século XX, ocorreu a demolição de todos os quarteirões interiores, cujo propósito era o de melhorar as condições de salubridade a partir de obras de restauro e conservação. Ao mesmo tempo, o Portugal do século passado via nascer novos edifícios, cujo propósito era o de fomentar atividades ligadas à cultura e ao turismo, dando lugar ao futuro das novas edificações, resultado do crescimento e da modernidade.

Figura 5 – Arquiteta Ana Cláudia da Costa Pinho, da Universidade Católica de Portugal



15. Áreas centrais da cidade rumo ao crescimento econômico

De acordo com Ana Pinho, a tentativa de maximizar a produção e a difusão de um bem cultural leva muitas vezes à proliferação dos seus simulacros, ameaçando banalizar e diminuir o valor intrínseco e o significado do patrimônio cultural das comunidades. “A importância das áreas centrais para o crescimento econômico, pela sua atratividade e para a ‘venda’ da imagem da cidade, por via do turismo, é amplamente reconhecida”, explica Ana.

16. Século XXI encontra política de coesão e mais recursos

Ao desembocar no século XXI, a política de coesão encontra mais recursos e novos instrumentos, investimentos territoriais integrados, desenvolvimento local de base comunitária, ações inovadoras no domínio do desenvolvimento urbano sustentável e uma

plataforma de desenvolvimento urbano. Ana Pinho destaca, na atualidade, um maior esforço para compreender a importância das cidades e o reconhecimento do seu papel para o desenvolvimento futuro da Europa. A reabilitação urbana entra então no foco dos programas europeus voltados para a reabilitação integrada de áreas urbanas e, nas novas construções, certos tipos de equipamentos e infraestruturas ficam na lista das ‘prioridades negativas’.

17. Modernidade encontra a ‘exclusão social’

Dentre os tópicos ressaltados pela arquiteta Ana Pinho, está o reconhecimento da degradação física não como “o problema”, mas como manifestação de problemas mais profundos, sobre os quais é necessário atuar de forma simultânea e onde é preciso reconhecer que a pobreza não se reduz à falta de recursos, mas que as populações são cumulativamente afetadas por outros fatores, o que concerne o conceito de exclusão social.

Os processos de declínio são complexos, dinâmicos e multidimensionais, e as mesmas características são aplicáveis aos processos de desenvolvimento urbano. Dessa forma, é possível enumerar, em um panorama de amplas reformas, o reconhecimento do potencial econômico e turístico dos centros históricos, através da passagem da reabilitação de edifícios para a reabilitação urbana, onde é necessário compreender os objetivos de intervenção –, ensina a professora da Universidade Católica de Portugal.

A crise econômica, associada à retração do investimento da iniciativa privada, como também a falta de preparação do setor de construção para obras de reabilitação, foram alguns dos fatores destacados por Ana Pinho, e que estão na contramão do fluxo necessário para realização das demandas por reabilitação. Ela frisa a necessidade de adequação da matéria nos cursos de engenharia.

18. Arquiteto da UFRJ defende estudo de patologia

A revitalização de revestimento em construções históricas e antigas foi o tema da palestra do professor Walmor Prudêncio, do

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ.

Na ocasião, Walmor apresentou diversas imagens de construções históricas e antigas, expondo assim as propriedades de recuperação com argamassa, recuperação de concreto, propriedades mecânicas e as propriedades físicas, que devem ser avaliadas a partir de ensaios realizados em parte do revestimento ainda em bom estado de conservação.

O professor ressaltou a importância da recuperação de construções e frisou para a plateia: “Não posso querer ganhar tempo destruindo, mas recuperando”, disse.

Durante sua apresentação, Walmor destacou o Projeto de Pina, em Recife, uma delegacia do Catete, de 1908, o Terraço da Casa Hila (Barcelona), a Capela Sistina, em 1941, e o estudo de caso da catedral de Tiradentes, de 1752.

Segundo o palestrante, a intervenção na recuperação das patologias das construções só deve ser realizada após a identificação das causas e dos agentes agressivos. Ele ressaltou que o grau de fragilização dos materiais de uma construção precisa ser conhecido, já que constituem sintomas para diagnóstico de uma patologia.

Figura 6 – O Arquiteto Walmor Prudêncio recebe uma placa de homenagem, do coordenador Eduardo Qualharini



De acordo com Walmor Prudêncio, geralmente a origem das patologias está relacionada com o microclima, intensidade de uso, manutenção ou materiais utilizados de forma não adequada, como as condições de exposição.

Na opinião do arquiteto, a verticalização das construções nas cidades modernas é uma

tendência e haverá necessidade de harmonização das construções, criando centros históricos livres de espigões. Ele defende a manutenção das construções antigas com indicação de produtos e processos executivos que não provoquem agressão química, física ou mecânica aos materiais.

19. Legado do CIRMARE

A reconstrução foi abordada a partir de uma visão ampliada da questão, possibilitando aos participantes um aprendizado sobre até que ponto é possível aceitar esse procedimento. Assim, o CIRMARE deixa como legado a mensagem de que a reconstrução só deve ser feita se o edifício não for um monumento ou obra de arte ou apresentar o valor de obra autêntica. De acordo com a ‘Carta de Veneza’, só as obras que visam re colocação são aceitas. Ou a reconstrução em casos extremos para a sobrevivência de um bem.

20. Encerramento

Ao término do CIRMARE, foram prestadas homenagens aos palestrantes convidados com a entrega de uma placa de condecoração. Na ocasião, o professor e anfitrião do encontro, Eduardo Qualharini, falou sobre a relevância dos assuntos abordados e inseridos nos cenários das cidades contemporâneas, agradecendo a participação de todos e convidando os presentes a participarem também do Patorreb 2018 – 6ª Conferência Sobre Patologia e Reabilitação de Edifícios, e do ISBP 2018 – 2nd. International Symposium on Building Pathology, ambos na UFRJ, em 2018.

Figura 7 – A cerimônia de encerramento do evento foi marcada por homenagens

